

## CONFLITOS NO CAMPO RELIGIOSO BAIANO: PROTESTANTES E CATÓLICOS NO SÉCULO XIX

*Elizete da Silva*

*Prof. Adjunto do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia*

*Doutora em História Social pela USP*

*E-mail: elisilva@ufba.br*

**RESUMO** — *Pretende-se, no presente artigo, fazer uma abordagem preliminar, da composição do campo religioso baiano no século passado, destacando-se a repercussão e as reações provocadas com a instalação do protestantismo em uma sociedade culturalmente marcada pelo afro-catolicismo. Será destacada na análise a inserção da Igreja Anglicana e da Primeira Igreja Batista do Brasil.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Protestantismo; catolicismo; Bahia.*

**ABSTRACT** — *The present article is intended as a preliminary approach to the composition of the Bahian religious field in the last century, highlighting the repercussions and reactions surrounding the installation of Protestantism in a society culturally marked by Afro-Catholicism. The insertion of the Anglican Church and the First Baptist Church of Brazil is particularly emphasized.*

**KEY WORDS:** *Protestantism; Catholicism; Bahian.*

### INTRODUÇÃO

O presente artigo se delineia tomando como ponto de referência teórica a religião como um elemento construtivo da cultura, portanto, mantendo uma relação dinâmica com os demais elementos formadores de uma dada realidade cultural. Elegeu-se como linha de abordagem a que se elabora nos marcos da História Cultural, pois toda religião toma formas concretas numa determinada sociedade e não pode ser estudada, satisfatoriamente, separada do contexto social. O conceito

de representação, formulado por Chartier em sua obra “A História Cultural — Entre Práticas e representações,”<sup>1</sup> é fundamental para se entender e explicitar as relações e os conflitos ocorridos no campo religioso baiano, após a instalação do protestantismo.

Nos primeiros anos do século XIX, a presença do protestantismo no Brasil era praticamente inexistente. As incursões de huguenotes franceses e de calvinistas holandeses nos séculos XVI e XVII, respectivamente, foram fatos ligados à expansão mercantilista dos países europeus e não deixaram nenhum núcleo sistemático da doutrina reformada, nem afetaram de forma considerável na formação da cultura e da sociedade brasileira.

As transformações político-econômicas e sociais ligadas ao episódio da transferência da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, afetaram sobremaneira o quadro religioso.

Os interesses britânicos na transferência da família real portuguesa para o Brasil culminaram com a assinatura de dois tratados em 1810: o Tratado de Aliança e Amizade e o de Comércio e Navegação. Neles, a posição hegemônica da Inglaterra influiria poderosamente não só na busca de vantagens econômicas, como também na definição de certos privilégios de caráter religioso, dada a sua condição de nação oficialmente protestante. O artigo 12 do Tratado de Navegação e Comércio declarava que os “vassallos de S.M. Britânica residentes nos territórios e domínios portugueses não seriam perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa de sua religião”<sup>2</sup>.

A partir da segunda década do século XIX, um número considerável de comerciantes ingleses estabeleceu-se na sede da monarquia e nas principais cidades brasileiras, inclusive na Bahia. Paralelo às garantias e privilégios econômicos que obtiveram em terras brasileiras, os cidadãos britânicos iniciaram os cultos anglicanos. Inicialmente em casas particulares e a bordo de navios, porém, a partir de 1819, os cultos passaram a ser realizados dominicalmente, em templos construídos especialmente com essa finalidade.

Pretende-se, no presente artigo, de forma introdutória, avaliar a repercussão e a reação provocadas pelo estabeleci-

mento de cultos reformados, na Bahia do século XIX. O enfoque principal será dado à Igreja Anglicana e à Igreja Batista, consideradas, respectivamente, como protestantismo de imigração e protestantismo missionário.

Na tipologia do protestantismo brasileiro, o protestantismo de imigração refere-se aos grupos religiosos trazidos por colônias de imigrantes e que foram introduzidos no Brasil a partir da segunda década do século passado. A Igreja Anglicana e à Igreja Luterana organizadas, respectivamente, pela colônia britânica e pela colônia alemã, representam, por excelência, o protestantismo de imigração. Os batistas, como outras denominações, a exemplo de presbiterianos e metodistas, são considerados como protestantismo missionário, pelo fato de terem sido organizadas em decorrência do esforço de missionários norte-americanos, na segunda metade do século passado, com uma proposta nitidamente proselitista para a população brasileira.

## O CAMPO RELIGIOSO BAIANO

A partir de 1824, a Igreja Católica conquistou, de direito, a posição de Religião do Estado sendo os outros credos apenas tolerados. Os cultos acatólicos não deveriam ser públicos, nem em prédios com arquitetura eclesiástica.

Em decorrência da especificidade da formação do seu processo histórico como religião majoritária e legitimadora dos interesses da classe dominante, o catolicismo, em suas mais variadas nuances, identificou-se e enraizou-se profundamente na cultura brasileira, tanto na paisagem urbana. Observando-se Salvador, dir-se-ia que o próprio *ethos* da cidade configurou-se, de alguma forma, a partir do catolicismo.

Falando do sentimento da participação que integra os indivíduos à sociedade, Prof. Thales de Azevedo refere-se à Igreja Católica como veículo de tal processo “pois isto se realiza através da religião da maioria dos brasileiros, à qual muitos pertencem apenas nominalmente porque é indispensável, em nossa cultura 'ser católico', ainda que apenas exteriormente”<sup>3</sup>.

Além da Igreja Católica, as religiões afro-brasileiras tinham o seu lugar no cenário baiano. A diversidade de nações africanas estabelecidas no Brasil, como mão-de-obra escrava, correspondeu também uma variação de culturas e, especificamente, de religiões. Não obstante as dificuldades e as condições sub-humanas a que os escravos foram submetidos, desde os navios que os transportavam amontoados com fardos, os seus sistemas religiosos foram preservados, evidentemente adaptados à nova realidade.

Como religiões de escravos, portanto, cultos marginalizados, dentro do sólido bloco católico, as concepções religiosas africanas mantiveram-se, em parte, como forma de resistência cultural. Por outro lado, a sobrevivência das religiões africanas deve ser entendida do ponto de vista do dualismo de classes opostas. Não podendo se defender materialmente da exploração do branco colonizador, o negro escravo refugiou-se nos valores místicos e fez da religião, muitas vezes, o veículo de protesto e de contestação da sua condição de escravo.

Apesar da repressão policial que caracterizou o período, os cultos afro-brasileiros não pararam de crescer e de admitir nos seus quadros fiéis de prestígio, verdadeiros protetores dos terreiros, resultando numa religiosidade popular bastante criativa, um sincretismo religioso proveniente da interpenetração das religiões dos escravos com a religião católica dos senhores.

## **ANGLICANOS NA BAHIA**

Foram as promissoras colônias britânicas que trouxeram o anglicanismo para o Brasil e para a Bahia, particularmente. Por força do tratado de 1810, já analisado anteriormente, os súditos de S. M. Britânica, estabeleceram a Igreja Anglicana no Rio de Janeiro, lançando a pedra fundamental do seu templo em “12 de agosto de 1819, à rua dos Borbonos. A igreja foi dedicada a São Jorge, padroeiro da Inglaterra e a São João Batista em homenagem a D. João VI.”<sup>4</sup>

Estando o anglicanismo dividido em duas alas, a católica e a protestante, foi esta última que se estabeleceu no Brasil,

conforme o Rev. Robert Walsh, capelão da comitiva de Lord Strangford que esteve no Rio de Janeiro, no período. A Christ Church, como fora denominada, era a “primeira igreja protestante da América do Sul, desde que os holandeses tinham temporariamente dominado Pernambuco”<sup>5</sup>. A arquitetura do templo seguia à risca as determinações do tratado e tinha capacidade para 600 a 700 pessoas.

A Christ Church, como as demais capelânias que foram fundadas no território brasileiro, estavam sob a jurisdição do bispo de Londres e diretamente vinculadas ao consulado britânico, como representante do governo de S. M. Britânica no Brasil. Quando da inauguração do templo, “o capelão Sr. Crane, escreveu ao bispo de Londres para saber de que maneira deveria conduzir a cerimônia de consagração porém, a resposta só chegou depois de sua realização. Mas as instruções enviadas concidiam com o que fora realizado, inclusive as orações indicadas, especialmente uma composta para ocasião.”<sup>6</sup>

Como no Rio de Janeiro, a partir da abertura dos portos em 1808, a Bahia foi invadida pelo comércio britânico. Salvador e todos os portos do Nordeste foram igualmente sobrecarregados com as mercadorias inglesas. Após a leitura da correspondência consular, é possível afirmar que, em 1810, a colônia britânica na Bahia estava em franco desenvolvimento.

Conforme o relato de Walsh, os comerciantes britânicos no Brasil não eram zelosos em matéria de religião, mas três anos após o estabelecimento oficial da Igreja Anglicana no território nacional, a colônia britânica da Bahia já realizava os ofícios religiosos em uma capela designada para o Serviço Divino. Em 1821, visitando a Bahia, Maria Graham, uma arguta viajante inglesa que esteve na Bahia no período, participou de um ofício religioso realizado na capela inglesa, no bairro da Vitória, em Salvador. Foi oficiante o Reverendo Robert Syngne, segundo ela, homem de maneiras alegres e sociáveis, mas extremamente atento, como capelão, quanto como protetor de seus patrícios pobres. A viajante inglesa encantou-se com “a dignidade com que se realizou o culto”<sup>7</sup>. Talvez tivesse algum receio de desordens promovidas por populares, não acostumados com cultos acatólicos.

O missionário Kidder, ao chegar à Bahia no período regencial, foi recebido pelo Rev. Parker, capelão da Igreja Anglicana. Após ter visitado o cemitério e a capela anglicana opinou que a mesma “poderia acomodar 80 a 100 pessoas e os freqüentadores, porém, eram em média cerca de sessenta isto, é mais ou menos metade dos ingleses da cidade”.<sup>8</sup> Para ele, a assistência ao culto, em inglês, era excelente na Bahia. Como vendedor de Bíblias, o missionário metodista trouxera uma remessa para o Rev. Parker.

Em 1853, o consulado britânico comprou um terreno no Campo Grande, onde foi construído um templo, conhecido como Igreja dos Ingleses. O templo da S. George Church ou da Bahia Bristish Church, conforme os documentos, era de arquitetura simples e sem sinais eclesiásticos exteriores, tal qual recomendava o Tratado de 1810. Fletcher, visitando a província por volta de 1855, também referiu-se à boa assistência aos cultos anglicanos e não deixou de elogiar a competência do capelão, o Rev. Mr. Edge, um ex-aluno de Cambrigde.<sup>9</sup> Certamente o missionário admirou-se dos dotes intelectuais do capelão, comuns dentre os clérigos ingleses, comparados com o pragmatismo dos pastores norte-americanos.

Como as necrópoles até 1889 estavam sob a administração da Igreja Católica, os britânicos imediatamente providenciaram um cemitério para enterrar os seus mortos. Em um abaixo-assinado de 08/02/1814, o cônsul inglês e representantes dos negociantes ingleses na cidade pediram a autorização do Conde dos Arcos, para converter uma roça, na Barra, que haviam comprado, em cemitério próprio para nele sepultarem os vassallos de S. M. Britânica. Além da colônia britânica o cemitério prestou serviços aos americanos, alemães e judeus residentes em Salvador que não professavam o catolicismo.

Durante o período pesquisado, o anglicanismo manter-se-ia como uma expressão religiosa de minoria étnica, com um crescimento apenas vegetativo. Na documentação trabalhada, são raríssimos os brasileiros que aparecem participando de algum ofício religioso.

## BATISTAS NA BAHIA

Além dos anglicanos, os presbiterianos já se faziam presentes na Bahia do século XIX. Dando prosseguimento ao processo de expansão do presbiterianismo no país, o Presbitério do Brasil concedeu licença ao Reverendo Schneider para estabelecer “uma missão na cidade da Bahia”. Tendo chegado a Salvador em fevereiro de 1871, começou a pregar e a realizar cultos, não muito bem freqüentados. Com auxílio de um colportor brasileiro, José Freitas de Guimarães, em 21 de abril de 1872 foi organizada a Igreja Presbiteriana da Bahia, com quatro membros: o casal de missionários e um casal de brasileiros que havia se convertido.

Dentre os americanos que imigraram para o Brasil, após a Guerra de Secessão estabeleceram-se em Santa Bárbara do Oeste, em São Paulo, algumas famílias pertencentes à denominação batista, as quais se reuniram e organizaram, em 1871, a primeira Igreja Batista em território brasileiro, composta exclusivamente de americanos e para atender as suas necessidades religiosas, portanto, um típica igreja de imigrantes.

Os primeiros missionários batistas dirigiram-se para a colônia de Santa Bárbara, em São Paulo, provisória e especificamente para o aprendizado da língua portuguesa.

Após contatos com dirigentes de outras denominações e discussões entre si, os missionários decidiram começar o trabalho batista na Bahia, por várias razões, dentre as quais, o fato de a Bahia “ter sido capital civil e agora ser a capital eclesiástica do País”.

Em fins de agosto de 1882, chegaram à Bahia como missionários da junta de Missões dos Estados Unidos, sediada em Richmond, William e Ana Bagby, Zacarias e Kate Taylor acompanhados pelo brasileiro e ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque.

Além de professor dos missionários, Teixeira de Albuquerque pregava, escrevia folhetos evangelísticos e funcionava como uma espécie de ponto de referência entre os missionários e brasileiros, especialmente nos primeiros anos, quando não tinham ainda o completo domínio da língua portuguesa. Foi um homem imprescindível e estratégico para continuar a propaga-

ção das doutrinas batistas, pois se até um ex-padre havia se convertido, outros haveriam de fazê-lo. Por outro lado, a sua cultura e formação católica foram muito bem colocadas a serviço do proselitismo dos missionários. Taylor, falando de Teixeira de Albuquerque, classifica-o como “mandado pela Providência, professor e pregador nativo, tudo em um só, pronto esperando por nós”.<sup>10</sup>

Dois meses após a chegada dos missionários, precisamente em 15 de outubro de 1882, foi organizada, em Salvador, a Primeira Igreja Batista do Brasil, com cinco membros, os dois casais de missionários e o ex-padre Teixeira de Albuquerque.

## REAÇÃO CATÓLICA

A Igreja Católica não ficaria impassível, diante da instalação de uma nova comunhão religiosa no território brasileiro. Aliás, antes mesmo de 1819, o clero católico reagiu à invasão do seu espaço secularmente garantido. Em 1805, Rev. Henry Martyn, missionário anglicano, dirigindo-se para seu campo missionário na Índia, fez escala em Salvador: “A visita de Martyn produziu não pouca agitação nessa cidade do norte do Brasil. Foi atacado verbalmente pelo clero católico romano durante os dias que esteve ali (aqui) e sustentou animados debates teológicos como eles em francês e em latin”.<sup>11</sup>

As observações feitas pelo Rev. Martyn, no seu diário pessoal, é um exemplo seguro de como o clero anglicano percebia o campo religioso baiano no início do século passado e ao mesmo tempo deixa entrever as representações tecidas sobre a cultura baiana, marcada pelo catolicismo:

Martyn scandalizou-se com as manifestações da fé católica não escondendo o seu desprazer ante a figura de um frade postado diante de uma Igreja a recolher esmolas enquanto passantes beijavam-lhe a mão ou tiravam respeitosamente o chapéu. Concluiu que naquele país “há cruces em abundância, mas quando será ali sustentada a doutrina da cruz?”.<sup>12</sup>

Interessante é observar-se o zelo protestante do Reverendo, preocupado com que a população conhecesse a “doutrina da cruz” pela ótica anglicana, pois a quantidade de cruzeiros existentes, no seu ponto de vista, nada garantia, pois estava pejada dos erros do catolicismo.

Quando da assinatura do tratado que permitia liberdade religiosa aos súditos britânicos, o Arcebispo de Nisibis, que estava no Rio de Janeiro, protestou agressivamente contra as medidas do governo de D. João, ameaçando, inclusive, com a volta da Inquisição “para cuidar dos interesses da religião católica e refrear o progresso dessa heresia entre os brasileiros”. Evidentemente que o Príncipe Regente não cedeu às pressões. O bispo do Rio de Janeiro, segundo Walsh, foi mais liberal, declarou a sua aprovação nos seguintes termos: “Os ingleses, realmente não possuem nenhuma religião, mas são um povo orgulhoso e obstinado. Se lhe fizerem oposição eles vão persistir e fazer disso um caso de grandes proporções mas se cedermos a seus desejos, a capela será construída e ninguém jamais se aproximará dela.”<sup>13</sup> De fato, o bispo carioca tinha uma posição mais tolerante, porém de chofre desqualifica os sentimentos religiosos dos ingleses. Para ele, o anglicanismo, provavelmente não constituía uma comunhão de fé merecedora de crédito, portanto, não havia problema em conceder-lhe liberdade de culto.

Os anglicanos tiveram algumas dificuldades para garantir o seu espaço no campo religioso baiano. Mesmo não tendo desenvolvido atividades proselitistas para angariar mais fiéis em meio à população, parece que a Igreja Católica e algumas autoridades da província baiana não viram com bons olhos o estabelecimento da Igreja Anglicana em Salvador, capital da província. Compulsando a correspondência consular, encontra-se registrado um incidente ocorrido com o Rev. Edward G. Parker, em 1847, uma espécie de prisão domiciliar ordenada por um major que, tendo colocado dois soldados armados na porta da residência do clérigo, proíbia qualquer pessoa de entrar ou sair da referida casa.<sup>14</sup> De imediato, o cônsul britânico oficiou ao Presidente da Província exigindo providências e a não repetição do fato.

Um outro momento de atrito entre a Igreja Católica e os anglicanos foi quando da presença do missionário Rev. Richard Holden que, numa ação incomum, em 1863, resolveu fazer cultos e escola dominical em língua portuguesa, para os brasileiros, além de distribuir Bíblias e literatura evangélica na cidade. A reação se fez de forma imediata, o Arcebispo Católico D. Manuel Joaquim da Silveira foi para os jornais locais e acusou de falsas e mentirosas as Bíblias e o material distribuído por Holden. Travaram uma intensa polêmica nos jornais locais.

O Diário da Bahia, um dos periódicos mais importantes do período, abriu as suas páginas para a réplica protestante ao artigo “Propaganda Herética”, publicado pelo jornal “Brasil”. Em 27/01/1863, num artigo assinado por Thomas Galart, colportor, auxiliar do Rev. Holden, os anglicanos desafiavam a hierarquia católica a demonstrar os erros das Bíblias vendidas pelos protestantes, ao mesmo tempo em que a acusavam de saber apenas do Concílio de Trento, pois, “nos parece que tanto mais sabeis deste concílio, quando menos sabeis do Evangelho”<sup>15</sup>.

Holden juntamente com sua congregação foi vítima de agressão física e invasão da casa onde se reuniam. Queixando-se ao cônsul inglês, este encaminhou solicitação de abertura de inquérito ao Presidente da Província.<sup>16</sup>

Convém destacar que D. Manuel Joaquim da Silveira, em 02/08/1862, havia publicado uma pastoral contra as adulterações da Bíblia que os protestantes estavam vendendo. Tomando conhecimento da Pastoral Católica, Holden escreveu uma réplica, intitulada “Os livros Apocryphos: o seu direito de ser incluídos na Bíblia Sagrada”, editada em 1863 pela Sociedade de Tratados Americanos. Certamente que as tensões provocadas pela questão Christie agravaram as discórdias, mas, passadas as turbulências, reinou uma espécie de acordo de cavalheiros, ou de damas, entre as duas igrejas.

O casamento com acatólicos foi uma outra questão geradora de tensões. O direito de celebrar casamento com efeito civil fora concedido aos pastores protestantes desde 1861, pela Lei Imperial n. 1 144.<sup>17</sup> Os casamentos entre protestantes eram feitos normalmente. A Igreja Anglicana já realizava casamentos anteriores à publicação da Lei, não só de britânicos, mas, também, de alemães protestantes.

Foram os casamentos mistos, isto é, entre católicos e protestantes, que provocaram ou reacenderam alguns desentendimentos. Considerado como um sacramento pela Igreja Católica, o casamento entre católicos e protestantes sem a devida dispensa de proclamas era considerado um verdadeiro crime. Em 1867, um casamento entre uma jovem católica e um protestante, residentes na freguesia da Vitória, realizado pelo ministro anglicano, foi considerado “um desagradável e criminoso fato”<sup>18</sup>, pelo vigário José Felix Araújo. O Arcebispo D. Manuel envolveu-se no problema e, através de ofício ao Presidente da Província, exigiu satisfação do consulado de Mecklemburg. Sob protestos, o casamento foi mantido, pois tratava-se da filha de um grande comerciante alemão.

Mesmo quando os nubentes já haviam sido dispensados dos protocolos e dos impedimentos de disparidade de culto, havia algumas restrições para o casamento. Em 1858, um casal cumpriu todas as exigências requeridas, mas, pelo fato de o nubente ser protestante, súdito inglês, não foram ministradas as “bençãos conforme manda a Santa Madre Igreja”.<sup>19</sup>

Certamente, para os padrões sociais da época, não receber as bençãos do matrimônio deveria ser algo muito constrangedor, em especial para as mulheres. Poderia até parecer uma espécie de concubinato para as autoridades eclesiásticas. Um problema grave nas difíceis relações entre protestantes e católicos que viviam na Bahia do século XIX.

Como a Igreja Católica reagiu à presença de um grupo heterodoxo agressivamente proselitista, como os batistas? Como a denominação batista via a “religião da maioria”? Com que armas lutou para estabelecer o seu espaço no campo religioso baiano?

Os primeiros colportores, no início do Séc. XIX, a exemplo de Kidder, chegaram a afirmar que “não existia nenhum outro país católico onde seja a maior a tolerância ou liberalidade de sentimentos para com os protestantes”. Entretanto, com a introdução das denominações históricas no Brasil e a conseqüente proliferação de igrejas e congregações evangélicas, a situação muda radicalmente. O que havia sido uma coexistência pacífica passa a ter um caráter de guerra declarada.

Desde a chegada dos anglicanos que a hierarquia católica reagiu à presença de credos acatólicos no território nacional. No entanto, oficialmente, houve um recrudescimento da animosidade que coincidiu exatamente como o início das atividades batistas na Bahia. Vários fatores concorreram para o desencadeamento das tensões. Fazia parte do conteúdo doutrinário difundido pelos missionários uma atitude extremamente hostil ao catolicismo. O Rev. Bagby em carta aos seus familiares, em 1881, descreveu assim a situação religiosa do Brasil:

Seja o que for em outras terras, o Catolicismo Romano no Brasil é paganismo glorificado. Seus templos e seus rituais, seu clero e suas vestimentas seu simbolismo, adoração de imagens e amuletos, sua penitências para os vivos e suas orações pelos mortos, são todos puro paganismo. O Romanismo aqui não tem semelhança com a religião de Jesus, salvo em profissão.<sup>20</sup>

Os missionários batistas viam os jesuítas e o clero católico como os cruéis perseguidores que viviam a inquisitoriar os pregadores batistas, além de considerarem a Igreja Católica como a “que tem obscurecido, substituído e escondido as doutrinas da Bíblia”. Para os pioneiros batistas, o catolicismo não era considerado como uma religião cristã, mas puro paganismo que tem deturpado as verdades bíblicas. O verdadeiro cristianismo era o seguido pelas igrejas evangélicas, era o que pregavam os líderes batistas.

A postura anticatolicismo dos missionários não fora adquirida aqui no Brasil devido a posição majoritária do catolicismo. Movimentos anticatólicos que agitaram os EUA no século XIX e o ideal norte-americano de “Destino Manifesto” são as principais fontes que alimentaram a hostilidade dos pioneiros batistas, não só contra a Igreja Católica como instituição, mas negando e ridicularizando a cultura e valores locais, vinculados ao catolicismo. A religião que pregavam era a única verdadeira. Conforme o relatório do General Hawthorne à Junta de Richmond solicitando o envio de missionários batistas ao Brasil: “achava-se o país em condições favoráveis para receber das nossas mãos o cristianismo evangélico que contribuirá para o progresso do seu país”.<sup>21</sup> A Igreja Católica era responsável pelo atraso

do Brasil, na ótica dos missionários. A título de comprovação, veja-se a opinião do missionário Salomão Ginsburg: "...O Brasil, apesar de ser o país mais rico em produtos naturais entre os países do mundo está sendo atualmente degradado pelas manhas e intrigas Católica Romana, exatamente como tem sido com todos os povos, nações e tribos que têm caído em sua funesta influência".<sup>22</sup>

O ataque frontal à Igreja Católica, na verdade, era um dos métodos de evangelização utilizados pelos líderes batistas. A divulgação do folheto "O Retrato de Maria como ela é no Céu" desencadearia agressiva reação por parte da igreja majoritária, que reverberou contra os hereges como "inimigos que tem como intuito plantar a discórdia e enfraquecer a união e desviar os fracos e roubar-lhes o mais precioso legado de nossos pais, a nossa Religião".<sup>23</sup> A Pastoral de D. Luis Antonio dos Santos tinha o claro objetivo de prevenir os católicos contra o protestantismo e fundar nesta Arquidiocese a Devoção do Sagrado Mês de Rosário, provavelmente mais uma devoção para envolver os católicos. Os fiéis que haviam abandonado o catolicismo foram lamentados como: "trânsfugas que deixando-se vencer na sua fraqueza tem se deixado apontar pelos laços de malícia e perdição, não podemos deixar de lamentar. A esses infelizes pois dirigimos nossos rogos para que voltem aos arraiais, em que a luz do Evangelho iluminou os seus primeiros dias".<sup>24</sup>

Pela contundência do texto, pode-se afirmar que as incursões protestantes começavam a preocupar a igreja majoritária. Nesse momento o contingente de missionários e o de novos convertidos, mesmo não sendo tão numeroso, parece que já punham em xeque a estabilidade dos quadros católicos.

Em 1886, outra carta pastoral foi expedida contra o protestantismo, intercedendo "Aquele que esmaga a hydra infernal da heresia que tivesse misericórdia". No entanto nenhum fato agravou tanto as tensas relações entre católicos e protestantes como a liberdade de cultos. Quando da tramitação do projeto no Senado Imperial, o Arcebispo da Bahia, Marquez do Monte Paschoal, protestou veementemente contra a liberdade de cultos que, na sua opinião, dissolveria entre brasileiros a unidade de doutrina em matéria de fé.<sup>25</sup>

A liderança batista travou uma intensa polêmica com membros da Igreja Católica, não só através da imprensa local, mas também nos jornais da denominação. Merece destaque a alentada polêmica, registrada em o “O Jornal Batista”, que a Prof<sup>a</sup>. Archimínia Barreto manteve com a Prof<sup>a</sup>. Amélia Rodrigues, demonstrando com farta argumentação doutrinária e histórica a veracidade e a superioridade das doutrinas e princípios batistas. A Prof<sup>a</sup>. Archimínia Barreto foi um singular exemplo da participação feminina nos primórdios da Igreja Batista da Bahia. Como articulista da imprensa denominacional e professora da escola dominical, por certo destacava-se entre as demais mulheres que se mantinham caladas e submissas, conforme o conselho bíblico.

Na imprensa católica, os protestantes eram tratados como ovelhas desgarradas ou pessoas desqualificadas. Eis a opinião do articulista do periódico “Leituras Religiosas”, em um artigo de 25/05/1890, sobre a conversão de um protestante em Taubaté: “Os proselytos do protestantismo são quase sempre indivíduos ignorantes, de maus costumes, corações depravados que procuram no escândalo a vingança e a satisfação de paixões torpes”.<sup>26</sup>

Também aconteceram perseguições do ponto de vista pessoal, realizadas por populares, curiosos que estranhavam as práticas batistas. No livro de atas da Primeira Igreja Batista, estão registrados vários incidentes, resultando sempre em violência. Em 1884, durante um culto, que se fazia em casa de um irmão recém-convertido aconteceu “súbita perseguição e violência contra o irmão Bagby e o dono da casa o irmão “Pedro do Ô.”, pedradas no irmão Pedro e sua senhora e outra no irmão Babgy, na parte superior da testa, do lado direito, que o prostrou em terra por uma síncope momentânea, abrindo uma brecha de uma polegada de comprimento, deitando bastante sangue que estancou logo que foi medicado”.<sup>27</sup>

Além das disputas eclesiásticas, o sepultamento dos mortos batistas também era problemático. Em 1884, durante uma sessão deliberativa da igreja, foi “criada uma comissão composta por três homens para buscar de se construir um cemitério”. No entanto, a comissão não fez progressos. Os missi-

onários sepultaram alguns dos familiares no Cemitério Britânico, a exemplo da Sra. Katarina Taylor, tragada por doenças tropicais. Os demais membros da comunidade, os brasileiros, eram enterrados em locais separados nos cemitérios das cidades, conforme o dispositivo legal. Certamente era uma cena duplamente constrangedora chorar seus mortos e enterrá-los de forma segregada.

Em sua autobiografia, Taylor registrou o primeiro sepultamento de um membro da Igreja Batista: “D. Euphrasia Alves morreu de febre amarela, conseguimos um lugar para o sepultamento perto do cemitério, junto aos fora da lei, aos protestantes não era permitido serem enterrados dentro dele. Naquele templo os padres tinham o controle dos cemitérios”.<sup>28</sup> Com a queda do padroado os cemitérios foram laicizados evitando-se tais constrangimentos. Após a Proclamação da República, 1889, e a conseqüente liberdade religiosa, pois o Estado tornara-se leigo, deixando de ter religião oficial, as tensas relações entre católicos e protestantes passaram para um outro patamar.

## CONCLUSÃO

Podem-se observar, cessada a agressividade das primeiras décadas, raros momentos de convivência pacífica. Entretanto, a Igreja Católica ainda hoje é vista com muita desconfiança entre setores mais conservadores dos batistas, havendo uma forte resistência a qualquer aproximação. O Ecumenismo é identificado como “uma artimanha diabólica de Roma”.

Em relação aos Episcopais Anglicanos, há, atualmente, uma aproximação muito estreita e a defesa de uma linha mais ecumênica, não só com a Igreja Católica, mas entre as diversas denominações protestantes. Mas, por outro lado, os recentes conflitos entre a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Católica demonstraram a atualidade do problema, abrindo perspectivas para novas pesquisas e outras indagações.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Roger CHARTIER. *Opus cit.*, p.17 e seguintes.
- <sup>2</sup> Hildebrando ACCIOLY – apud – Boanerges Ribeiro – *O Protestantismo no Brasil Monárquico*. p.17.
- <sup>3</sup> Thales de AZEVEDO. *O Catolicismo no Brasil*, p.59.
- <sup>4</sup> Walsh, R., *Notícias do Brasil (1828 a 1829)*, p.143.
- <sup>5</sup> Idem, p.143.
- <sup>6</sup> Ibidem p.143.
- <sup>7</sup> Maria GRAHAM. *Diário de uma Viagem ao Brasil*, p.174.
- <sup>8</sup> Daniel KIDDER. *Reminiscências de viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil*, p.67-68.
- <sup>9</sup> J. FLECHTER e Daniel KIDDER. *O Brasil os Brasileiros*, p.213.
- <sup>10</sup> Zacarias TAYLOR *Autobiografia com introdução crítica*, p.27.
- <sup>11</sup> Douglas MILMINE. *La Comunión Anglicana em America Latina*, p.51.
- <sup>12</sup> Moema Parente AUGEL. *Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista*, p.32.
- <sup>13</sup> R. WALSH. *opus cit.* Moema Parente, p.142.
- <sup>14</sup> Correspondência do Consulado Inglês – Ofício 18/08/1847.
- <sup>15</sup> Diário da Bahia n.22 de 27/01/1863, p.3.
- <sup>16</sup> Holden. R. Diário de Holden – Arquivo da Igreja Anglicana e ofício consular de 18/05/1863 Março 1193 – PEB.
- <sup>17</sup> Coleção das Leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, Arq. Nacional, tomo XXII parte 1 p.21.
- <sup>18</sup> Ofício de 10/08/1867 do vigário para o Arcebispo D. Manuel.
- <sup>19</sup> Livro de Registros de Casamentos da Paróquia da Victoria – 1802 – 1866 p.137.
- <sup>20</sup> Helen Bagby HARRISON. *Os Bagby do Brasil*, p.30.
- <sup>21</sup> A.R. CRABTREE. *História dos Batistas do Brasil*, p.62.
- <sup>22</sup> Ginsburg SALOMÃO *Um Judeu Errante no Brasil*, p.46.
- <sup>23</sup> D. Luiz Antonio SANTOS. *Carta Pastoral de 1885*.
- <sup>24</sup> Idem, p.6.
- <sup>25</sup> Protesto, 18/08/1888. Arq. Cúria Metropolitana de Salvador.
- <sup>26</sup> Leituras Religiosas, n.8 de 25/05/1890.
- <sup>27</sup> Livro n.1 de Atas da Primeira Igreja Batista do Brasil, p.31
- <sup>28</sup> Taylor, p.28.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGEL, Moema P. *Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista*. São Paulo: Cultura/MEC, 1980. p.32.
- AZEVEDO, Thales de. *O Catolicismo no Brasil*. Cadernos de Cultura. MEC, 1955. p.59.
- CHARTIER. Roger. *A História Cultural – Entre Prática e Representações*. Rio de Janeiro: Bertram Brasil, 1990. p.17...
- CRABTREE A.R. *História dos Batistas do Brasil até o ano de 1906*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962. p.62.
- FLETCHER, J., KIDDER, Daniel – *O Brasil e os Brasileiros*. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1941. p.213.
- GINSBURG Salomão. *Um Judeu Errante no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970. p.46.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1990. p.174.
- HARRISSON, Helen Bagby. *Os Bagby do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1987. p.30.
- KIDDER, Daniel. *Reminiscências de viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1980. p.67-68.
- MILMINE, Douglas. *La Comunión Anglicana em Americana Latina*. Chile: Banca Grafica, 1993. p.51.
- RIBEIRO, Boanerges. *O Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973. p.17.
- SANTOS, D. Luiz Antonio. *Carta Pastoral de 1885*. Bahia: 1855 Lithophotografia de João Tourinho.
- TAYLOR, Zacarias. *The Rise and Progress of Baptist Mission in Brazil*. Cauchita Baptist University, 1969. p.27. (momeo).
- WALSH, R. *Notícias do Brasil (1828 a 1829)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. p.143.